

A partir do verão de 1924, o custo de vida apresentou uma tendência relativamente estável. Na altura do movimento militar que pôs fim à I República, o custo de era já até quase 20% inferior ao máximo atingido dois anos antes. Essa estabilidade manteve-se até ao início da II Guerra Mundial.

Bibliografia: JUSTINO, David, *A formação do espaço económico nacional*, Lisboa, Vega (L.), 1988-1989; MATA, Eugénia e VALÉRIO, Nuno, *História económica de Portugal – Uma retiva global*, Lisboa, Presença, 2003; NUNES, Ana Bela e VALÉRIO, Nuno, «A moeda e o to», in Álvaro Ferreira da Silva e Pedro Lains (organizadores), *História Económica de Portugal (séculos XVIII a XX)*, Lisboa, ICS (vol. 3), 2005.

[Nuno Valério]

D

DANTAS, JÚLIO (1876-1962)

Nasceu em Lagos, a 19 de maio de 1876. Filho do oficial Casimiro Augusto Vanez Dantas (1850-1904, chegou ao posto de general de brigada) e de Maria Augusta Pereira de Eça. Casou, em 30 de maio de 1942, com Maria Isabel Penedo Cardoso e Silva Dantas.

Viveu em Lisboa desde 1879, completou a instrução primária na Escola Nacional de Barros Proença, em 1885 e fez o exame de instrução complementar no Liceu de Lisboa, em 1886. Nesse ano ingressou no Colégio Militar, onde se manteve até 1892. Após frequentar o curso preparatório da Escola Politécnica, foi admitido, em 1894, na Escola Médico-Cirúrgica, na qual alcançou o bacharelato (1899) e a licenciatura (1900) em Medicina.

Iniciou a carreira militar como médico (alferes-médico, 1902; tenente-médico, 1903), servindo no exército (1902-1910) e na Guarda Nacional Republicana (1910-1912). Foi reformado do exército em 1914 e demitido, a seu pedido, em 1924. Apesar de ser médico, nunca fez clínica profissional a não ser durante as suas obrigações castrenses. Em 1909 ganhou o concurso para um lugar de professor e diretor da secção Dramática do Conservatório Nacional. A República transformou esta secção na Escola de Arte de Representar, mantendo-se Júlio Dantas como seu professor e diretor até 1930. Nesse ano houve a fusão das Escolas de Teatro e Música do Conservatório, mantendo-se Júlio Dantas na chefia, agora como inspetor (1930-1935) e mais tarde como diretor (1935-1936). Desempenhou ainda funções como inspetor das Bibliotecas Eruditas e Arquivos (1912-1946), presidente da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais (1925-1926). Foi comissário do governo junto do Teatro D. Maria II entre 1906 e 1912. Foi sócio da Academia das Ciências (correspondente desde 14-05-1908, efetivo a partir de 26-6-1913 e de mérito desde 20-10-1932, ocupando a cadeira n.º 23), presidiu à respetiva Classe de Letras (1921 e 1928) e à própria Academia das Ciências (1923, 1929, 1931, 1933, 1935, 1937, 1941, 1943, 1945-1959).

Publicou uma vasta obra literária, distinguindo-se como um dos autores portugueses com maiores tiragens e como um dos mais lidos e conhecidos da pri-